

SOB A REGÊNCIA DAS IMAGENS

PEREIRA, Marta Regina Alves

Mestre em Educação. Professora do projeto
“Filosofia com crianças e jovens” na Escola de
Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Reconhecemos que a presença maciça das imagens em nosso cotidiano contribui para a crescente semiotização da vida contemporânea e por isso propomos um diálogo com as imagens no âmbito da reflexão filosófica. A questão norteadora que nos acompanha se expressa na pergunta: de que forma os recursos e o poder das imagens poderiam contribuir para instaurar a reflexão filosófica? A tradição intelectualista da filosofia nega o potencial reflexivo das imagens por estarem diretamente conectadas ao sentido da visão, o que as tornam porosas à subjetividade humana. Busca assim evitar sistematicamente a ilusão, o equívoco gerado pela sensibilidade, defendendo a objetividade, a racionalidade como única possibilidade de se chegar à verdade tão almejada e priorizando a palavra escrita como forma de expressão. Porém, nossa posição nesse texto centra-se na idéia de estabelecermos uma relação *logopática* com as imagens, isto é, vislumbramos a possibilidade de aproximá-las ao mesmo tempo da razão e da emoção rompendo com a dicotomia palavra/razão x imagem/emoção.

Palavras-chave: imagem, potencial reflexivo, filosofia.

Poderá alguém acreditar que só os vocábulos fazem sinal?

Régis Debray, 1994

Imagem, palavra de múltiplos sentidos, carrega controvérsias quanto a sua utilização no campo filosófico-pedagógico. Abbagnano (2000, p. 537), no *dicionário de filosofia*, apresenta-a como “semelhança ou sinal das coisas, que pode conservar-se independentemente das coisas”. Assim, imagem pode ser reconhecida tanto como produto da imaginação quanto um sinal visível, perceptível, que provoca em nós diferentes sensações.

Por assumir um *status* que a conecta diretamente aos órgãos de sentidos, no discurso sobre enganos e verdades, a imagem ocupa o lugar do réu. Podemos confiar nas imagens? Elas constituem um bom meio de veiculação do conhecimento? Entre execrar e exaltar, os iconoclastas e os iconófilos, pouco têm contribuído para uma avaliação crítica do seu potencial reflexivo.

Porém as imagens estão aí a nos fazer provocações, comunicando efêmeras e voláteis mensagens. Olhamos para elas, mas sucumbidos pelos estímulos sensíveis presentes cotidianamente à nossa volta nos defendemos, amortecidos pela indiferença.

Walter Benjamin (1992, p. 80), filósofo alemão, um dos representantes da escola de Frankfurt, reconhece que “a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência”. Nesse sentido, nossa percepção das experiências vividas é influenciada pelos recursos técnicos disponíveis. “Consumimos hoje, sobretudo fluxos de imagem, de informação, de serviços. Esses fluxos formatam nossa subjetividade, revolvendo nossa inteligência e conhecimentos, nossas condutas, gostos, sonhos e desejos, em suma, nossos afetos” (PELBAR, 2000, p.36). Daí a importância de colocar as imagens em questão: a que elas nos induzem? O que querem afirmar? Como a escola tem dialogado com elas? De que forma os recursos e o poder das imagens poderiam contribuir com as práticas educativas?

Elas não estão a conclamar novas exigências profissionais no âmbito educacional?

Um breve percurso entre as imagens e as palavras no contexto da filosofia

Retomemos um tempo em que a linguagem era constituída exclusivamente de imagens e em seguida observemos o movimento intelectual que as colocou sob suspeita. Até o aparecimento recente dos primeiros processos de notação linear dos sons (quatro mil anos), a imagem ocupou o lugar da escrita. Aos poucos a escrita foi ganhando espaço e assumindo uma certa soberania em relação às imagens, até adquirir proporções galácticas no século XV, com a invenção da imprensa (DEBRAY, 1994). Porém, o que testemunhamos hoje é uma impressionante e sempre crescente multiplicação quantitativa das imagens, algo que só ganhou força a partir do século XX com o desenvolvimento tecnológico, a ponto de alguns apocalípticos da cultura ocidental apregoarem o fim das mídias verbais.

Exageros à parte, não vamos entrar aqui em defesa de uma ou outra forma de expressão; antes entendemos que é nas interfaces da imagem, linguagem oral e escrita que residem a riqueza e a complexidade dos processos comunicativos. Entretanto nesse texto interessa-nos perguntar como a filosofia lidou e ainda o faz com os diferentes códigos lingüísticos.

Quando nos referimos à filosofia, estamos tratando especificamente do legado grego

e para um antigo grego, viver não era respirar, como para nós, mas ver; e morrer era perder a vista. Nós dizemos, ‘seu último suspiro’; quanto a eles, ‘seu último olhar’. Pior do que castrar seu inimigo era vazar-lhe os olhos. Édipo, um morto com vida. (DEBRAY, 1994, p. 23).

A força da imagem apreendida pelos olhos era tal entre os gregos que, através da leitura do vôo dos pássaros ou das vísceras

de animais sacrificados, os adivinhos liam o futuro, contribuindo na prevenção dos golpes da sorte (QUESNEL, 1995). Ao lado de comportamentos fortemente ritualizados como este, foram os gregos também que inicialmente contribuíram com o conhecimento da propagação da luz. Euclides, o pai da geometria, por volta de 300 a.C., foi um dos fundadores da óptica e um dos primeiros teóricos da visão.

Ritos, mitos e logos conviveram lado a lado na Grécia antiga, e não é algo simples estabelecer o momento preciso em que surgiu o pensamento racional.

Não é fácil definir se a idéia dos poemas homéricos, segundo a qual o Oceano é a origem de todas as coisas, difere da concepção de Tales, que considera a água o princípio original do mundo: seja como for, é evidente que a representação do mar inesgotável colaborou para a sua expressão[...]. O início da filosofia científica não coincide, assim, nem com o princípio do pensamento racional nem com o fim do pensamento mítico. Mitogonia autêntica ainda encontramos na filosofia de Platão e na de Aristóteles. São exemplos o mito da alma em Platão, e, em Aristóteles, a idéia do amor das coisas pelo motor imóvel do mundo (JAEGER, 1995, p. 191-192).

Se pensamento mitológico e pensamento racional conviveram por algum tempo mantendo uma estreita relação, também é certo que aos poucos prevaleceu um esforço de separá-los, na busca de opor o falso ao verdadeiro. Podemos perceber mais claramente o significado dessa afirmação recorrendo ao segundo livro da *República* de Platão, quando ele descreve a educação que deve ser dada aos guardiões do Estado, prevendo “a ginástica para o corpo e a música para a alma”. Mas a música “comporta discursos [...] que podem ser ou verdadeiros ou falsos”. A falsidade deve ser eliminada a partir da primeira infância, é preciso “vigiar os que criam os mitos, separar as suas composições boas das más”. E, em seguida, esclarece: o que há de condenável nos mitos são as “mentiras que não possuem beleza [...] quando os deuses

e os heróis são mal representados, como um pintor que pinta objetos sem nenhuma semelhança com o que pretendia representar” (PLATÃO, A República, 1997, p. 64-65).

Vemos aí nessas manifestações contrárias aos mitos, os auspícios do *logos*. Com efeito, com o Sócrates platônico o *logos* ganha ares de maior importância, o que nos sugere ser esse o momento em que as imagens começam a perder sua força representativa, pois “os olhos e os ouvidos são inseguros” e é “principalmente pelo raciocínio que a alma chega a ver [...] e raciocina melhor quando não é perturbada pela vista, nem pelo ouvido, nem pela dor” (PLATÃO, Fédon, 1996, p. 126).

Suspeitamos que venha daí uma desconfiança em relação às possibilidades das imagens no âmbito do pensar filosófico. Alguns filósofos, ao longo de toda a história da filosofia, advertem-nos quanto aos perigos da imagem: elas nos distraem, não são rigorosas, são altamente porosas à subjetividade humana, extremamente dependentes da visão como órgão de sentido. A tradição intelectualista da filosofia busca assim evitar sistematicamente as ilusões, o equívoco gerado pela sensibilidade, defendendo a objetividade, a racionalidade como única possibilidade de se chegar à verdade tão almejada e priorizando a palavra escrita como forma de expressão.

Esperar que as imagens expressem exclusivamente verdades e comprovem fatos revelando seu caráter indicial é operar tratamento ingênuo e reducionista sobre elas. Além do mais, dicotomizar palavras e imagens, diferenciá-las como formas de linguagem essencialmente distintas, remete-nos a visões dualistas, fragmentárias, positivistas da realidade. É essa posição dicotômica que está presente na afirmação de Kubrusly, quando diz:

a palavra é racional, dissertativa, prolixa. A imagem, emocional, sintética, direta. A palavra pode expor com clareza uma idéia, conceituar com precisão. A imagem é de natureza mais onírica (incluindo-se aí os pesadelos), mais ilógica e nebulosa. É insubstituível para transmitir, num relance, toda a emoção de um evento, mas falha ao tentar analisá-lo (1991, p. 77).

Será mesmo que as palavras são racionais, como afirma Kubrusly? Carlos Drummond de Andrade (1985, p. 187) parece discordar quando poetiza: “chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível que lhe deres: Trouxeste a chave?” Merleau-Ponty ao dizer o que é indispensável na obra de arte também nos faz problematizar o que diz Kubrusly sobre as imagens.

Que contenha, melhor que idéias, matrizes de idéias, que nos forneçam emblemas cujo sentido não cessará jamais de se desenvolver, que, precisamente por nos instalar em um mundo do qual não temos a chave, nos ensine a ver e nos propicie enfim o pensamento como nenhuma obra analítica o pode fazer, pois que a análise só revela no objeto o que nele já está.[...] Nada veríamos se não tivéssemos, em nossos olhos, um meio de surpreender, interrogar e formar configurações de espaço e cor em número indefinido (1975, p. 360-361).

Merleau-Ponty reafirma o caráter polissêmico da imagem, sua permeabilidade receptiva a múltiplas leituras, algo inadmissível por um logocentrismo exacerbado. Nossa posição neste texto centra-se na possibilidade de estabelecermos uma relação *logopática* com as imagens, isto é, aproximá-las ao mesmo tempo da razão e da emoção.

Por qué las imágenes no introducirían problematizaciones filosóficas, tan contundentes, o más aún, que las vehiculizadas por la escritura? No parece haber nada en la naturaleza del indagar filosófico que lo condene inexorablemente al médium de la escritura articulada. Poderíamos imaginar, en el mundo posible, una cultura filosófica integralmente desarrollada a través de fotografías o de danzas, por ejemplo. En esa cultura posible, talvez formas escritas de expresión fuesen consideradas como meramente estéticas o como médios de diversión (CABRERA, 1999, p. 15).

Considerando que a visão filosófica consiste em transcender a visão naturalista das coisas, ao olhar para uma imagem poderíamos iniciar perguntando: o que essa imagem sugere? O que ela inclui/exclui? Muitas vezes é na ausência que se encontra a significação. Ao formular nossas perguntas é interessante ainda perceber os signos presentes na imagem: cor, forma, linha, volume, luminosidade, composição, profundidade. Estar atento ao impacto emocional que ela nos causa, algo que nos chame atenção, que nos faça ficar perplexos, que nos disponha a pensar, a buscar um significado. Daí poderão surgir experiências fecundas, reflexões conceituais mediadas pela sensibilidade, pelo afeto, transformando a leitura de uma imagem, em uma vivência única e singular, em um acontecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- AUMONT, Jaques. *A imagem*. São Paulo: Papyrus, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D' Água, 1992.
- CABRERA, Julio. *Cine: 100 años de filosofía – una introducción a la filosofía a través del análisis de películas*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1991. Coleção Primeiros Passos, nº 82.
- MERLEAU – PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. PELBAR, Peter Pál. *A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PLATÃO. Fédon. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- _____. *A República*. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. Coleção Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000. QUESNEL, Alain. *A Grécia. Mitos e lendas*. São Paulo: Ática, 1995. RIGAL, Luis. In: IMBERNÓN, F. *A educação no século XXI*. Porto Alegre, RS: 2000.